

O VÍRUS VERMELHO E O TERÇO NA PONTA DO FUZIL: CRISTÃOS AMELIENSES ENTRE FÉ E POLÍTICA (1965 - 1985)

Jeovane Santos de Jesus¹; Elizete da Silva².

1. Bolsista PIBIC/CNPq, CPR-UEFS, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jeovane_de_jesus@hotmail.com

2. Orientadora, CPR-UEFS, Departamento de História, Universidade Estadual de Feira de Santana, E-mail: cliosilva@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Cristãos, ditadura militar, Amélia Rodrigues.

INTRODUÇÃO

A presente investigação busca através da análise do campo religioso ameliense, entender como foram construídas as relações entre católicos e batistas, e a atuação destes sujeitos no campo político de Amélia Rodrigues. Desta forma, esta pesquisa realiza a interface entre religião e política. Pesquisa vinculada ao projeto maior: “A Expansão Protestante em Feira de Santana e no Recôncavo Baiano 1935-2000”.

Tendo a cidade de Amélia Rodrigues como universo geográfico escolhido, busca-se colaborar com o conhecimento histórico sobre esta sociedade haja vista, a quase inexistência de trabalhos científicos e de cunho histórico sobre esta coletividade baiana.

A finalidade central desta investigação reside em estudar a dinâmica que o campo religioso ameliense ganhou, a partir da década de 1960, como os católicos reagiram à chegada e instalação da congregação batista nos anos 1940 em um campo historicamente de hegemonia católica como a cidade de Amélia Rodrigues, e como estes sujeitos se colocaram frente ao contexto histórico de uma Ditadura Militar. Quais discursos, memórias e representações elaboraram a cerca destes acontecimentos e quais foram suas vinculações com a política local. No entanto, devido ao reduzido espaço optou-se por focar neste Resumo nas questões que envolvem o governo do primeiro prefeito de Amélia Rodrigues, Sr. Gervásio Bacelar eleito pela coalizão– PTB, UDN, PR-PSD (1963-1967).

METODOLOGIA

A documentação levantada vai de documentos eclesiásticos até fontes iconográficas. São documentos produzidos pelos dois grupos religiosos analisados, como: Atas; Livro de Tombo; registros arquiocesanos; livros de memória e estatutos, notas e recortes de jornais (*FOLHA DO NORTE, A TARDE, FEIRA HOJE, O POPULAR* e *O ARCHOTE*), Atas da Câmara de Vereadores da cidade de Amélia Rodrigues, além de entrevistas com alguns fiéis e familiares dos envolvidos. Metodologia da História Oral que contribui de forma significativa para esta investigação.

O conceito de *representação* de Roger Chartier auxilia a esta investigação entender as representações elaboradas pelos sujeitos em questão no contexto histórico estudado, (CHARTIER: 1999). Além do conceito de *Camporeligioso* de Pierre Bourdieu (2009) para pensarmos as disputas entre os distintos grupos religiosos pela legitimidade do discurso religioso.

RESULTADO/DISCUSSÃO

Em Amélia Rodrigues o primeiro prefeito da cidade, o negro, e advogado católico Gervásio de Mattos Bacelar eleito em 7 de outubro de 1962 pela coalizão – PTB, UDN, PR-PSD (1963-1967), integrante do grupo dos emancipacionistas enfrentou em seu governo as acusações de seus opositores de ser ele o maior divulgador do “vírus vermelho” na cidade e com o intuito de inciar na mesma Ligas Camponesas. Sua vinculação com Francisco Pinto¹, prefeito de Feira de Santana, deposto pelos militares logo após o Golpe, lhe custou problemas com os detentores do poder vigente, somado a seus discursos que mesclavam elementos cristãos com propostas de esquerda.

No ano de 1962 na campanha eleitoral para prefeito, Gervásio Bacelar, alcançou apoio popular, muito devido as suas propostas voltadas para o social, que seguiam em consonância com as diretrizes adotadas pelo Governo Federal das Reformas de Base, como ele mesmo afirmou em entrevista ao Jornal santamarense *O ARCHOTE*, propostas como: as da política agrária, intensificação do ensino primário, médio e instalação de Ginásio, assistência agropecuária com estímulo às pequenas propriedades e a preocupação com o êxodo rural².

Foi justamente a adesão de alguns prefeitos baianos do interior às Reformas de Base do presidente Jango, que chamou a atenção dos responsáveis pela repressão militar na Bahia. Ocorrendo a interiorização das ações repressivas que segundo Ediane Santana tinha duas dimensões: eram “resultante da delação e outra motivada pelo conteúdo político e doutrinário das gestões administrativas municipais”. (SANTANA: 2010)

Em 1964, logo após o golpe militar delações e intrigas entre adversários políticos marcaram a interiorização da repressão na Bahia, levando a cassação de prefeitos como Francisco Pinto em Feira de Santana, e de Virgildásio Senna em Salvador (DIAS: 2009) Além da perseguição e vigilância sobre tantos outros, entre os quais o prefeito de Amélia Rodrigues, que viveu na cidade momentos tensos de perseguição, interrogatório e interdição da Prefeitura.

Sua vinculação com o comunismo deve-se a alguns fatores como seu círculo de amizade na cidade, que incluía nomes de declarados comunistas, como os amelienses Xisto e Perciliano Godofredo. Companheiros políticos que Bacelar logo ao assumir o governo municipal incluiu no quadro de funcionários da Prefeitura³. Somado a sua vinculação política e de amizade com o prefeito feirense Francisco Pinto, iniciada segundo o Jornal *A Tarde* após reunião em Feira de Santana com 170 prefeitos no fim de 1961, da qual conforme nota do periódico saíram “*amigos e fiel escudeiros*”⁴. Bacelar teve por parte de seus adversários políticos, seu nome ligado ao famoso “Quebra-quebra” da Câmara de Feira de Santana, movimento ocorrido em dezembro de 1963.

Relação com o prefeito feirense que o levou à Salvador na Sede da 6ª Região Militar. Pinto para prestar esclarecimentos aos militares, e Bacelar para sondar sua situação. “*Quando soube que Pinto iria para 6ªRM pediu para acompanhá-lo, em parte. Queria saber como estava o clima, mas ficaria de fora. “Se você voltar, me passa as informações”, precaveu-se*”⁵. Momentos que após o depoimento de Francisco Pinto segundo nota do Jornal *A Tarde* foram marcados pelo encontro entre Gervásio Bacelar e o Coronel Humberto Melo, eis aqui um excerto:

- *Estou aqui porque mandaram me prender? -Quem mandou? Eu não mandei nada, e quem manda na Bahia sou eu! -Foi o delegado*

-Pois vá lá e diga que estou dizendo. Gervásio voltou, procurou o delegado. Foi preso na hora. Ordem de Humberto Melo.⁶

Conforme a família Bacelar ainda nessas primeiras semanas de Ditadura militar, o prefeito feirense ficou escondido na fazenda da família no bairro do Monteiro em Amélia Rodrigues. Segundo Pedro Bacelar “(...) *Jipes e guarnições cercavam a fazenda sempre (...) procuravam por meu pai e Chico Pinto, pois sabiam que ele havia se refugiado lá (...)*”⁷. No entanto, como afirma Almeida em “*O comunismo é o ópio do povo*” em menos de dois meses Francisco Pinto estava sob o controle da polícia política do governo militar. E Bacelar seguia sob sua vigilância.

Autores como Carlos Fico e Marcos Napolitano afirmam que existia no País uma “comunidade de informações” que ajudava o regime militar brasileiro a vigiar e controlar a sociedade. Produzindo informações, suspeitas, elaborando perfis e potencializando situações consideradas subversivas ou típicas de comunistas. Assim, mediante a produção de um perfil de Bacelar que passava pela caracterização de ações tidas como comunistas fomentou-se sua associação ao comunismo, devido ao teor dos seus eloquentes discursos, lapidado por teoria política, que durante a campanha eleitoral conseguiu o apoio da classe operária, pois correspondia a seus anseios.

Desde sua campanha em 1962, Bacelar apontava que o problema agrário “*merecia solução pronta em consonância com as diretrizes adotadas pelo Governo Federal*”⁸. Discurso este que alcançou sua forma radical ao defender “*vamos fazer a reforma agrária na lei ou na marra! Com fuzil e um terço na ponta do fuzil!*”⁹. Elaboração discursiva perpassada por elementos significativos, que o liga em parte a posição tomada pelos dirigentes das Ligas Camponesas no Congresso do PCB em 1960 de enfrentamento direto contra os latifundiários e ainda o elemento cristão católico simbolicamente colocado pelo *terço* como instrumento de oração, “uma arma” da fé é associado ao *fuzil*, elemento de enfrentamento das esquerdas radicais. Discurso para alguns, contraditório, por ser Bacelar, filho de um grande proprietário de terras da região.

Conservadores como o vereador católico Antônio Rosa que, se autoproclamava representante dos votos anticomunistas na cidade¹⁰, o acusou de ser o maior divulgador do comunismo no município. O discurso do vereador estava pejado de elaborações simbólicas referentes ao anticomunismo, amplamente divulgado pelos diversos meios e pela Igreja Católica temerosa do “sinistro programa vermelho”, através de representações imagéticas até associações a agentes patológicos como a referente a vírus.

Outra representação formulada pelos adversários políticos de Bacelar era o anticlericalismo, expresso pelo prefeito, segundo o vereador Antônio Rosa através da autoria da “*celebre frase onde está o Clero, está a miséria*”. Reforçada ainda pela suposta perseguição aos funcionários católicos e democratas ao não pagar uns e reduzindo vencimentos de outros como assevera o vereador, o que é classificado pelo mesmo como tática comunista. “*Essas perseguições aos direitos dos funcionários é uma tática comunista, desrespeitar as Leis e o Regime Democrático, ontem tão sufocado pelo comunismo reacionário e hoje, graças a Deus, já libertado*”¹¹.

No discurso do vereador é evidente a mescla de elementos do imaginário anticomunista representado por uma farta gama de adjetivos e que podemos interpreta-los em consonância com a afirmativa de Mota (2002) “provém de três matrizes básicas, quais sejam, cristianismo, mais precisamente catolicismo, nacionalismo e liberalismo”. O vereador Rosa apresenta em seus pronunciamentos, um nacionalismo manifesto, classificando o

comunismo além de vírus, como erva daninha causadora de muitos males, que lhe trazia temor como cristão do possível banimento de Deus, caso o comunismo fosse implantado¹². O temor em relação à instalação de um “governo vermelho” no País se dava mediante a esta possibilidade está acoplada a desordem e a pilhagem; a invasão de templos que não seriam mais casas de Deus e a perseguição aos seus fiéis. Pensamento anticomunista que viam em Cuba, Rússia e na China seus representantes, suscitando entre muitos o medo de que o Brasil se transformasse numa colônia da China ou da Rússia, através das ações dos comunistas, “agentes destas potências estrangeiras”, “integristas” e “traidores” do Brasil. As acusações resultaram não apenas nas atenções dos militares voltadas para o prefeito, mas, também na interdição da prefeitura de Amélia Rodrigues por um dia em 5 de outubro de 1966 e interrogatório de horas que Bacelar foi submetido no dia seguinte¹³. Acontecimentos nebulossos supostamente por atos ilegais na contratação de um funcionário de nome Claudemiro de Campos Suzart, fato noticiado no Jornal *Folha do Norte* com título “*Prefeito de Amélia Rodrigues às voltas com nossa justiça*” no dia 08/10/66 em espaço no jornal comprado pelo vereador da cidade Silvano Vitor Gonçalves.

Considerações Finais

É possível afirmar que a gestão do prefeito Gervásio Bacelar esteve vinculada às delações e suspeitas de comunista, devido à adesão do prefeito às Reformas de Base, o teor de seus discursos como a defesa da Reforma Agrária e, sobretudo sua amizade com o prefeito Francisco Pinto, inimigo da Ditadura. Assim, o processo de interiorização da repressão na Bahia, logo após o golpe civil-militar de 1964 chegou a Amélia Rodrigues.

Notas

¹Inimigo da Ditadura em Feira de Santana, o prefeito organizou a resistência na cidade.

²Jornal *O Archote. Problemas de Amélia Rodrigues: Gervásio Aponta as Soluções*. 15 de Agosto de 1962.

³Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues - 52ª Sessão ordinária 7/04/ 1964 p.7 e 8

⁴Jornal *A Tarde*. 1964: *O Golpe na Bahia*. “Reforma Agrária na lei ou na marra”. 31/03/ 2004.

⁵Idem.

⁶Jornal *A Tarde*. 1964: *O Golpe na Bahia*. “Reforma Agrária na lei ou na marra”. 31/03/ 2004.

⁷Pedro Bacelar em entrevista ao autor em 28 / 10 /2010.

⁸Jornal *O Archote. Problemas de Amélia Rodrigues: Gervásio Aponta as Soluções*. 15 de Agosto de 1962.

⁹Jornal *A Tarde*. 1964: *O Golpe na Bahia*. “Reforma Agrária na lei ou na marra”. 31/03/ 2004

¹⁰Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues -52ª Sessão ordinária 7/04/ 1964, p.7 e 8.

¹¹Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues-52ª Sessão ordinária 7/04/ 1964 p. 8.

¹²Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues- 52ª Sessão ordinária em 7/04/ 1964, p. 8 e 9.

¹³Ata da Câmara de Vereadores de Amélia Rodrigues - 152ª Sessão Ordinária de 10/10/66, p. 96-97.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Luciane Silva de. *O Comunismo é o ópio do Povo: Representações dos Batistas sobre o comunismo, o ecumenismo, e o governo Militar na Bahia (1963-1975)*. UEFS, 2010.

Amélia Rodrigues (BA). *Amélia Rodrigues: uma mulher, uma cidade*. Amélia Rodrigues (BA): ED. Panorama de Notícias, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.1990.

FERREIRA, Muniz Gonçalves. *O Golpe de Estado de 1964 na Bahia* (Artigo). UFBA. Fonte: http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf

-
- SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação Fé e Vida: A “Caminhada” das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1980-2000)*
- SILVA, Elizete da. *Protestanteseogovernomilitar: convergências e divergências*. Feira de Santana, 2009.
- TRABUCO, Zózimo Antônio Passos. *O Instituto Batista Bíblico do Nordeste e a construção da identidade batista em Feira de Santana (1960-1990)*. Dissertação. UFBA, Salvador. 2009.
- ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). *Ditadura militar na Bahia: Novos olhares, novos objetos, novos horizontes*. -Salvador: EDUFBA, 2009.